



## Cantos do mundo em um espaço virtual

### Relato de Experiência

*Magda Dourado Pucci*  
[magda@mawaca.com.br](mailto:magda@mawaca.com.br)  
*Estúdio Mawaca*

**Resumo** Este relato apresenta reflexões sobre a prática vocal em um ambiente remoto de um grupo amador durante a pandemia com base na análise das ações realizadas durante dois anos, através de uma pesquisa-ação com 30 integrantes de um coro adulto, formado com o intuito de desenvolver um repertório multicultural com canções em diversas línguas. O grupo é dirigido por quatro cantoras/professoras/regentes que se revezam nos encontros sempre em duplas. A coleta de dados foi efetuada por meio de um questionário anônimo com os participantes e três estagiários de regência. A análise dos dados mostrou que o uso das tecnologias digitais contribuiu positivamente para o desenvolvimento dos(as) cantores(as), propiciando a ampliação do universo cultural do grupo e melhora significativa de questões vocais e de percepção. Apesar de impossibilidade de cantar junto em tempo real e ouvir o coro, foi possível desenvolver alguns recursos como a gravação de áudios e vídeos que possibilitaram a escuta do coletivo criando um significativo espaço socioafetivo.

**Palavras-chave** música vocal, repertório multicultural, aprendizado remoto, canto coral, tecnologias digitais.

O canto coletivo se faz, costumeiramente, com a escuta do outro em um mesmo ambiente, onde se busca ajustes de sincronicidade, afinação, pronúncia comum e colocações vocais. Com a pandemia da COVID-19, as atividades corais sofreram forte impacto e muitos grupos deixaram de ensaiar. Alguns corais buscaram manter suas atividades no modo remoto e então surgiram desafios. O que acontece quando esse grupo não pode se encontrar presencialmente? O que se pode fazer quando o(a) coralista está em casa, em frente do computador, não podendo interagir em tempo real com os outros integrantes por conta dos *delays* (atrasos) causados pelas diferentes conexões de internet de cada um? Como se dá o fazer musical quando não se ouve o que o resultado sonoro do grupo?

Durante a experiência com a Cia. Coral Mawaca<sup>1</sup>, percebemos que, apesar do distanciamento social, conseguimos desenvolver uma dinâmica adequada a esse formato, trabalhando tanto aspectos musicais, construindo mundos simbólicos e gerando empatia.

A criação do coral se deu por iniciativa de uma das cantoras do grupo Mawaca, Angelica Leutwiller, que percebeu a importância de compartilhar o repertório do Mawaca para mais pessoas com o intuito de compreender melhor culturas de outros povos. As atividades foram iniciadas no primeiro semestre de 2018, na sede do grupo, onde eram ensaiadas canções

---

<sup>1</sup> A Cia Coral Mawaca é dirigida pelas quatro cantoras do Mawaca: Angélica Leutwiller, Magda Pucci, Rita Braga e Zuzu Leiva. [www.mawaca.com.br](http://www.mawaca.com.br)



balcânicas, africanas, asiáticas e ibéricas, em arranjos criados por mim, diretora musical do Mawaca.

Desde o início, a Cia. Coral Mawaca se propôs a ser um espaço de convívio musical entre as pessoas, explorando musicalidades distintas, em diferentes línguas, outras dinâmicas, aspectos técnico-vocais, movimentos corporais, gestuais interpretativos, histórias e significados de cada canção e padrões rítmicos característicos

Durante o primeiro semestre de 2018, ainda no modo presencial, foi feito um registro com depoimentos dos primeiros coralistas do grupo<sup>2</sup>, onde se percebe o afeto criado em pouco tempo de trabalho, em boa parte efetivado pela forma dedicada e amorosa com que as cantoras do grupo desenvolviam seus ensaios.

Com o início da pandemia, em março de 2020, as atividades foram paralisadas por dois meses, até que, percebendo que a quarentena seria longa, decidiu-se retomar as atividades no modo virtual, utilizando a plataforma Zoom, que se mostrava a mais adequada para atividades musicais, devido sua melhor qualidade de áudio e vídeo.

Os primeiros encontros virtuais foram desafiadores. Muitas dúvidas surgiram de como interagir com as pessoas, pois havia muito(as) cantores(as) com dificuldades de compreender a tecnologia digital, além de conexões de internet frágeis que caíam constantemente, criando alguns problemas de comunicação. No entanto, essas questões foram se resolvendo aos poucos e com o passar dos meses, muitos criaram intimidade com o ambiente virtual e as conversas por WhatsApp se intensificaram bastante no tira-dúvidas técnicos e musicais.

Dos participantes presenciais, restaram menos da metade, mas novos integrantes se inscreveram no coral, inclusive pessoas que moravam fora de São Paulo que expressavam desejo de participar do grupo há tempos. A média de participantes girava em torno de 30 pessoas com idade aproximada entre 25 e 55 anos e o hoje o grupo realiza os ensaios no modo híbrido<sup>3</sup>.

O **questionário** realizado com os(as) coralistas, de forma anônima, nos ajudou a compreender como estava se dando a experiência. A primeira pergunta foi: *Quais foram os pontos mais importantes nesses encontros?*

Além de continuar aprendendo o repertório e estar em contato com todos - o que é sempre uma alegria imensa - acho que foi bem interessante a divisão por salas, tanto focadas nos naipes, quanto nas músicas com mais dúvidas/interesse.

Foram muito importantes os momentos em que, depois de aprender as músicas, em que cantamos cada um em casa, escutando a professora, pois mata um pouco a minha saudade de cantar e fazer música com os outros.

Participar de um coral extravasando alegria.

---

<sup>2</sup> Video Cia. Coral Mawaca Depoimentos <https://www.youtube.com/watch?v=vSzZiFobv8s>

<sup>3</sup> Atualmente, são três encontros virtuais e um presencial por mês, pois muitas pessoas não puderam retornar ao presencial.



Não perder o contato, pois rapidamente surgiu essa alternativa e a dedicação, profissionalismo e gentileza de todas as professoras sempre dispostas a ajudar, a esclarecer e ótimos exercícios vocais.

Os exercícios de técnica vocal, ensaios das músicas, comentários a respeito do repertório pela M. Muito legal conhecer a história/cultura de cada música trabalhada.

Aprender novas músicas, manter o elo e nosso astral, praticar e se entender melhor como indivíduo dentro do grupo.

O acesso à informação em primeira mão, podendo tirar dúvidas diretamente com as cantoras do grupo.

Para a primeira fase virtual do grupo, intensificamos o uso do **padlet** - uma plataforma virtual usada para disponibilizar os materiais de estudo como áudios, vídeos, letras e partituras, além de informações sobre o repertório. O *padlet*<sup>4</sup> era usado anteriormente, mas poucos se interessavam por ele, mas com os encontros virtuais, esse recurso se tornou bem profícuo e facilitou muito a localização das informações e colaborou na organização dos estudos dos integrantes. O *padlet*<sup>5</sup> aglutina diversas informações que ficariam dispersas em e-mails ou mensagens de WhatsApp. Muitos integrantes afirmam que ouvem as músicas diretamente no *padlet*<sup>6</sup> e alguns baixam as letras e partituras, mas a maioria não lê partitura e prefere aprender as músicas “de ouvido”.

É uma excelente ferramenta. Tenho o link do *padlet* como *bookmark* no computador do trabalho e muitas vezes deixo rolando as músicas enquanto trabalho. Também uso no celular. Não imprimo as letras e vou tentando decorá-las. Não baixo os áudios. Costumo usar o *padlet* de forma totalmente virtual e online. É raro eu baixar os materiais, mas uso sempre os arquivos de áudio, partitura e letras que estão disponíveis virtualmente.

Quando uso o *padlet* é para ouvir as diferentes vozes de uma música e depois a música para cantar junto. Também gosto de ver os vídeos (os de vocês e os outros) e vejo as letras das músicas. Ouço no *padlet* direto, ainda não tentei baixar os áudios e as letras levo separadamente para meu computador. Não imprimo.

Acesso quando quero praticar ou ouvir algum material. Eu imprimo as letras. Tenha uma pasta para Coral. Eu abaixo os áudios, imprimo as letras/partituras e estudo direto no *padlet*. Quando estou nos ensaios com o celular eu o abro para me auxiliar.

Eu ouço os áudios no *padlet* mesmo, e baixo as partituras para conseguir acompanhar ao mesmo tempo. Me ajuda a entender a linha melódica, se desce, se baixa, ou se mantém a mesma nota.

<sup>4</sup> Padlet CCM 2020 <https://pt-br.padlet.com/magda38/9xkkc07hmn92vf9e>

<sup>5</sup> Padlet CCM 2021 <https://pt-br.padlet.com/magda38/b7pcr3x120nvzr9h>

<sup>6</sup> Padlet CCM 2022 <https://pt-br.padlet.com/magda20/pzf23c4nidz7179q>



Sobre o **repertório**, desenvolvemos o aprendizado de diversas canções como: *Jarnana* (Albânia), *Allunde*, *Alluyá* (Tanzânia), *Soran Bushi* (Japão), *Rumelaj* (Macedônia), *Bella Ciao* (Itália), *Makedonsko* (Macedônia), *Amawole* (Congo), *Tu lu* (Suécia), *Zemer Atik* (Israel), alguns cantos de trabalho como *Capim da Lagoa*, *Pisa Pilão*; cantos indígenas como *Ju Paraná*, *Api ayã Txuxi* (Juruna), *Waha nararaê* (Kanamari), dentre outras, trazendo grande diversidade para o repertório.

Os encontros são sempre iniciados com um **trabalho corporal** por Zuzu Leiva, que também é bailarina de dança indiana. Ela sempre inicia o encontro com mantras que ajudam a direcionar o pensamento e manter o foco e os *mudras* indianos - gestos simbólicos com as mãos - para dar sentido às letras, e propõe movimentos coreográficos característicos dos estilos das canções.

Na sequência, são realizados os **aquecimentos vocais** que buscam dar suporte às necessidades vocais apresentadas pelas canções. Rita Braga estimula o uso de exercícios de fonoaudiologia para melhorar questões relacionadas ao cansaço vocal, melhoria da articulação, extensão vocal etc. Angélica sempre traz vocalizes compostos especialmente para o grupo, alguns deles com bases instrumentais de forma a garantir a afinação e o andamento.

Quando a música é apresentada pela primeira vez, eu costumo comentar aspectos simbólicos, históricos e culturais das canções e mostramos diferentes versões de outros grupos. Trabalhamos a pronúncia além de exercícios de percussão corporal para facilitar a compreensão de determinados ritmos.

O que mais se sente falta é da “**energia do convívio presencial**” e a escuta do outro que possibilita a “timbragem” das vozes, mas devido ao *delay* não é possível acompanhar os cantores. Selecionamos alguns comentários dos integrantes sobre a diferença entre o remoto e o presencial.

A diferença é imensa.... Principalmente por não poder ouvir todos juntos, e claro, o convívio presencial, a energia, conhecer e conviver com pessoas tão diferentes e cantando harmonicamente, a mesma canção....

Não fiz ensaio presencial neste coral, mas sem dúvida tem muita diferença, a começar pelo timbramento das vozes.

Sinto falta de timbrar com as outras vozes que era algo muito bom de sentir.

São dois patamares muito diferentes e específicos de atuação. Encontros ao vivo são insubstituíveis. No entanto, no caráter virtual, somos bonificados e surpreendidos de maneira maravilhosa. Uma delas, **é poder agregar gente linda de qualquer parte do mundo**. E outra, é constatar a potência e a riqueza do trabalho esplendoroso das quatro professoras que, além de grandes artistas e estudiosas, ultrapassam todas as frias barreiras virtuais e transcendem, brindando-nos com puríssima energia afetuosa e generosa.



A falta da vivência com as professoras e os cantantes exigiu adaptação. No virtual, perdemos a energia e a sensação de grupo que temos no presencial, a força das vozes, os abraços e olho no olho, as vozes, o papo, a construção das músicas. Os instrumentos também fazem muita falta. No virtual, porém, temos chance de cantar individualmente e sermos corrigidos, o que pode gerar um constrangimento inicial, mas depois nos acostumamos. Inclusive o exercício da exposição é bastante interessante porque, de certa forma, o virtual exige até mais exposição, uma vez que a voz individual é destacada das demais nos ensaios.

Mas há quem não perceba tanta diferença entre o virtual e o presencial.

Não sinto diferença, as energias positivas são sentidas da mesma forma e a dinâmica das aulas são excelentes.

No presencial sinto que as relações têm mais chance de se estreitar, mas como estudo e aprendizado acho que o **virtual não deixa a desejar**. Está sendo uma modalidade possível e tem a vantagem de incluir pessoas de todo o mundo.

A energia incrível do grupo, que transcende qualquer limitação. Apesar das aulas serem *online*, **a sensação é como se fosse tudo presencial**. A didática maravilhosa das 4 professoras, que nos fazem sentir enorme gratidão por ser parte de tudo isso.

Outra pergunta foi feita: *Que dificuldades você sentiu no modelo virtual? Elas foram resolvidas com o passar do tempo?*

Aprender em tempo recorde tanta novidade tecnológica. Dá uma *preguicinha*, mas usando a intuição e a informação, a gente vai aceitando mais, e resistindo menos. Importante continuar com os objetivos musicais, principalmente, e não ficar tão excluído do novo modelo.

Depender da conexão. Cada dia é um dia...

As dificuldades são as paradas com problemas técnicos, isso é bem chato; também colegas que esquecem microfone aberto eu acho bem ruim.

Nenhuma dificuldade, tudo flui muito bem.

As questões técnicas foram resolvidas aos poucos e hoje está todo mundo adaptado.

Sim, a falta de conhecimentos dos recursos dos aplicativos/programas é um grande problema. Há vários níveis de analfabetismo digital. Sou bem limitada.

Tenho dificuldades tecnológicas, mas vou me acostumando.



Não senti dificuldades em relação ao virtual.

A primeira dificuldade com certeza foi a utilização da plataforma e dos recursos tecnológicos. Também tive dificuldade com o fato de não podermos estar juntos. O virtual parece artificial às vezes, mas estou me adaptando.

Não tive dificuldade. Já estava bem habituado às tecnologias que permitem o encontro virtual. Embora sinta até hoje falta de cantar ouvindo junto todas as vozes.

Um dado importante foi a questão da **impossibilidade de ouvir o grupo cantando junto**. Por conta dessa dificuldade, sempre pedíamos para as pessoas abrirem seus microfones para cantar e tirar dúvidas. A timidez era constante e muitas pessoas não queriam se expor. Não ouvir as vozes conjuntamente ainda causava estranhamento, mas por outro lado foi interessante observar que muitos perceberam melhor suas vozes individualmente, gerando uma saudável autoestima. Ouvir a própria voz em uma gravação causa estranhamento, pois o som que se ouve internamente é bem diferente daquele registrado por gravadores. Uma das integrantes reporta essa dificuldade:

Não poder escutar as pessoas é o que me fez mais falta em um primeiro momento nos ensaios virtuais. Cheguei a duvidar que seria possível. Custou um pouco me adaptar e compreender que era um outro modelo, uma outra forma de cantar em coro, sem ser coro, mas ao mesmo tempo sendo.

Sabendo da importância do auto escuta, estimulamos os coralistas a se gravarem em seus celulares e nos enviarem essas gravações por WhatsApp para que pudéssemos acompanhar mais de perto o desenvolvimento de cada um. Do grupo que respondeu ao primeiro questionário formado por 16 pessoas, 7 se mostraram determinadas a fazer as gravações, 3 se mostraram envergonhadas de se auto gravar e 6 já haviam enviado e gostado da experiência.

No entanto, houve momentos em que a exposição se tornou dolorosa. Houve um caso de uma das coralistas que, ao gravar sua voz, se desesperou por perceber que estava muito desafinada e que sua voz apresentava problemas. Indicamos a ela uma fonoaudióloga que percebeu um problema neurológico e lhe indicou um profissional específico. Mesmo diante do problema, ela se manteve no coral e aos poucos foi recuperando a questão motora e sua qualidade vocal. Outro coralista, que apresentava dificuldade na afinação, passou por um atendimento individualizado com umas das coordenadoras e sua melhora foi significativa.

Para facilitar essa escuta do grupo, passamos a abrir duas **salas separadas** no Zoom para passar as linhas vocais de cada naipe. Essa foi uma ótima forma de conhecer melhor a voz de cada um, visto que, com a quantidade menor de pessoas, era possível fazer rodadas com todos do naipe, ouvindo um por um, fazendo correções e sugestões que colaboraram muito na melhora da performance vocal.



O momento mais legal foi, em um dos encontros, quando Magda cantou a voz dos contraltos e eu, na minha casa, cantei a voz das sopranos ao mesmo tempo. Senti que finalmente estava cantando com alguém!

No modo presencial, ao final de cada semestre, era realizada uma apresentação pública no Estúdio Mawaca com a participação de alguns instrumentistas do grupo, o que gerava grande entusiasmo no grupo. Com a pandemia, isso se tornou inviável e então substituímos esse momento pela gravação de vídeos feitos pelos próprios integrantes, como muitos corais fizeram.

Para o **primeiro vídeo** escolhemos a canção congoleza *Amawole* e criei um arranjo simples para ela. Gravamos uma base com as vozes das coordenadoras para referenciar os(as) coralistas e pedimos para que gravassem os áudios em seus celulares. Sendo um canto africano, pensamos que ele poderia se conectar a um ritmo brasileiro. Convidamos um percussionista do grupo, Carlinhos Ferreira, para tocar percussão com instrumentos criados por ele mesmo. Ele nos trouxe uma levada de congada de Minas e os(as) cantores(as) gravaram o ritmo-base dessa canção utilizando utensílios de cozinha como colheres de pau, panelas, raladores e copos. Depois de gravadas as vozes e as percussões, iniciamos o processo de filmagens. Antes de cada um se filmar, fizemos um tutorial explicando o passo-a-passo de todo o processo e tiramos as dúvidas por WhatsApp. Foi um grande desafio produzir os vídeos caseiramente, sem a infraestrutura adequada, mas pelos depoimentos, percebemos que o processo de gravação foi muito prazeroso, mesmo com limites técnicos de alguns integrantes. Contratamos um técnico para reunir todas as vozes e vídeos para reunir as imagens e o resultado encontra-se nesse vídeo publicado no Youtube<sup>7</sup>, que proporcionou enorme alegria no grupo.

Tivemos também a preocupação em destacar a **questão indígena** que permeia muito o trabalho do Mawaca. Assim, fizemos uma escuta de temas indígenas de diferentes povos como os Yudjá, Paiter Suruí, Kayapó e pedimos para que pesquisassem aspectos de alguns povos indígenas e compartilhassem as informações no *padlet*. Estimulados por essa temática, sugerimos um **exercício de criação** com nomes dos povos indígenas como uma experimentação criativa. Em alguns encontros, eles exploraram formas de musicar esses nomes, criando melodias, ostinatos e ideias musicais que se transformaram em elementos de uma composição coletiva editados por mim. Uma das coralistas montou os vídeos dos cantores somando-os às imagens de uma floresta e assim foi criado um mosaico sonoro-visual que gerou comentários muito emocionados de todos<sup>8</sup>.

Através do Edital Aldir Blanc, foi possível, realizar **ensaios abertos** ao público externo com professoras/artistas internacionais como Alessandra Belloni pesquisadora das *tarantatas* do Sul da Itália, Martha Galdós do Peru, Graciela Mendoza da Argentina, Tamie Kitahara do Japão, e artistas brasileiros como Lari Finochiaro (cantos de trabalho), Vitor da Trindade (toadas de candomblé), Nina Neder (vidalal) que enriqueceram muito a experiência do grupo com suas *expertises*.

<sup>7</sup> Amawole <https://www.youtube.com/watch?v=oF4UGYRHjlg>

<sup>8</sup> Sons e nomes dos povos indígenas <https://www.youtube.com/watch?v=5Z-DKOsv9eA>



Em junho de 2021, a Cia. Coral Mawaca realizou um ensaio aberto em formato de *live* mostrando o processo de trabalho como atividade didática do Prêmio Profissionais da Música.

Produzimos um novo vídeo com a canção mexicana **Arenita Azul**<sup>9</sup> que aborda um tema bastante caro nos tempos atuais: a presença cada vez maior de refugiados e imigrantes barrados nas fronteiras entre países. Os(as) cantantes da Cia. Coral Mawaca se auto gravaram e filmaram com muito mais desenvoltura e tranquilidade, mostrando maior intimidade com a câmara e menos temor da exposição individual. Tiveram um cuidado especial em desenvolver o visual com cores quentes *a la* Frida Kahlo e esbanjaram alegria, dançaram, brincaram com a música.

Perguntamos sobre o processo de filmagem. A grande maioria concordou que, apesar da inexperiência e das dificuldades técnicas como enquadramento, posicionamento da luz, a escolha do figurino e organização do espaço, foi unânime o prazer de se filmar.

Não tive problemas, apesar da inexperiência. Achei muito divertido e curti todo o processo, desde a elaboração do figurino até o preparo da gravação. A gravação em si transcorreu sem problemas e foi bem tranquila.

Tive dificuldades em achar o melhor enquadramento e fundo neutro. A experiência foi gostosa, divertida, mas um pouco trabalhosa.

No vídeo dos povos indígenas me empolguei muito. Pedi uma amiga para me pintar, fomos gravar numa trilha e muiiiitas gravações. Mas depois acabei fazendo um vídeo em casa mesmo e achei que ficou muito bom. O vídeo todo ficou maravilhoso, emocionante, me senti muito orgulhosa por ter participado.

Foi tudo tão emocionante e alegre que nem vale a pena preocupar-me com os probleminhas técnicos.

A experiência foi excelente. Um aprendizado enorme, **um exercício de paciência comigo mesma**, um constante e saudável rir de si mesma, um frequente ver-se e aceitar-se em imagem e som. Acima de tudo, perceber-se se divertindo muito com os próprios erros, entrando na onda da música, querendo corresponder à altura do padrão M e do grupo. **Tanto a gravação da voz quanto do vídeo me deixou mais segura no final do processo.** As gravações tornam evidentes nossas limitações e potências, o que não deixa de ser uma experiência de "conhece-te a ti mesmo". Incrível. Todo o trabalho é, talvez, uma insistência para que a coisa role porque no fundo, fazer parte de algo tão rico não tem preço. E com toda a assessoria, dedicação, carinho, respeito e profissionalismo das professoras, só não faz quem não quer.

Experiência desafiadora e boa.

---

<sup>9</sup> Arenita Azul <https://www.youtube.com/watch?v=IROzARWL5X0>





Foi uma experiência muito gostosa! Me envolvi bastante nesse projeto. Gravei muitas vezes, muitas, mesmo. Queria que ficasse perfeito. Mas **senti muita vergonha**. Essa foi a maior dificuldade para mim.

Antes de fazer as gravações eu estudei o áudio, para cuidar onde entrar nas estrofes e em qual era o meu solo...acertei a posição da câmera para ficar direito com o fundo etc., e só depois gravei.

Mas também houve casos de pessoas tiveram dificuldades de se auto filmar.

Deu bastante trabalho e foi um pouco difícil também. Pouco espaço, iluminação precária, falta de equipamento tipo tripés etc. O figurino foi fácil. Acho que muito dessa repetição de vídeos se deve à falta de familiaridade com a autoimagem em vídeo (o mesmo ocorreu na gravação só de voz - pouca autopercepção).

Foi difícil. Tive ajuda do meu marido e da minha filha. Mas foi muito bom e desafiante.

Deu muito trabalho o posicionamento da câmera e seguir todas as orientações de gravação, mas valeu a pena! Adorei a experiência!

Tem dois lados: **é meio solitário**, e sempre estamos muito críticos com o resultado. Parece que nunca está bom. Por outro lado, a gente se joga na possibilidade de autossuficiência, buscando resolver tudo que lhe cabe, sem *mi mi mi*. Quando a gente vê o resultado, nas mãos dos excelentes *videomakers*" é uma delícia. **Os defeitinhos são amenizados**. Fora que trabalhar com vocês é um contato extraordinário com a excelência. Vocês não fazem qualquer coisa. É tudo levado muito a sério, e claro com uma competência absurda. Muito grata!!

Foi difícil e deu trabalho.

O estranhamento da própria voz cantada e o processo de aprendizado fica claro no depoimento desta cantora que, ao final, conseguiu superar timidez e aproveitar bem a experiência.

Gravei aqueles dos povos indígenas e estranhei muito a minha voz cantada (a falada já estou acostumada, mas a voz cantada acho que vem mais do fundo da gente) na hora de fazer o vídeo. Depois fiz *Arenita*: aí na gravação do áudio fui ouvindo muitas vezes e foi muito bacana e profundo começar a conhecer minha voz cantada. Quando ouvi minha voz na gravação de todos também foi outra surpresa e emocionante. É como conhecer alguém de dentro. A feitura do vídeo foi maravilhosa, produzir, montar, me soltei e brinquei sem receio. Nunca imaginei que ia conseguir fazer de um jeito tão leve. Acho que isso tem muito a ver com o espírito do grupo.

Gravei aquele dos motivos com os nomes dos povos indígenas. Não achei difícil e foi muito bom me ouvir em meio a todos os outros participantes do grupo!



Foi feita também uma pergunta sobre as diferenças entre o presencial e o virtual e se percebe que há dificuldades como focar na atividade, principalmente para quem já participou do presencial. Percebemos que o virtual, ainda que interessante, não substitui o presencial, e que em muitos casos, as pessoas se escondem por detrás das câmeras não participando tanto ou tendo dificuldade de manter o foco na atividade.

Já participei de oficinas em 2016 no Estúdio M. Eu gosto das duas maneiras. Talvez no presencial, eu tentaria cantar mais, pois já estaria exposta, acho que eu abuso dos recursos e fecho minha câmera e acabo não participando tanto quanto deveria.

A energia do presencial é mais revigorante, é mais gostoso cantar e dançar tendo como acompanhamento os instrumentos ao vivo e online é mais difícil focar.

Tenho dificuldade de conseguir me manter focada.

No entanto, há pessoas que moram fora do país ou em outra cidade e por ser virtual, podem participar e ter maior facilidade de acesso.

Já participei de outros corais e é bem diferente a interação presencial - o *feedback* é imediato e as interações são mais ricas. Mas sou grata pela oportunidade de participar do coral virtual pois moro nos EUA e se fosse assim eu não teria oportunidade de participar desse coral.

Não poderia vivenciar essa experiência **se não fosse oferecido virtualmente**, já que não moro em São Paulo. Essa seria a vantagem do virtual. Mas, quem sabe, quando retornar presencialmente, eu não consiga participar de vez em quando? O presencial é muito mais valoroso, claro.

Só tenho a agradecer a oportunidade de, mesmo de tão longe, poder participar desses encontros. **Sem o modelo virtual, eu nunca teria tido essa oportunidade.**

O processo de aprendizado é diferente, foram necessárias adaptações, mas buscamos manter uma boa energia entre os participantes, buscando sempre minimizar as dificuldades. As tecnologias têm um papel fundamental na manutenção desses espaços e possibilitam encontros em que a música é um elo potente e restaurador das intempéries emocionais causadas pela pandemia.

Relaciono essa atividade com a afirmação da antropóloga britânica Ruth Finnegan, em seu clássico estudo “The Hidden Musicians: Music-Making in an English Town” em que documenta o alcance notável da criação de música amadora em uma cidade inglesa: “são práticas com o objetivo de desvelar e refletir sobre as dimensões fundamentais do fazer musical local e seu lugar na vida urbana quanto na nossa tradição cultural, de modo mais geral” (FINNEGAN, 1989, p.4).



Entre 2020 e 2021, tivemos a presença de estagiários de Regência da UNESP-SP, que nos relataram suas experiências no grupo.

Até aquele momento eu tinha algumas ideias adversas sobre fazer ensaios virtuais, mas logo depois eu consegui **mudar minha visão e perceber que isso é possível**. No caso do M por exemplo, testemunhei até mesmo a presença virtual de coristas de fora do Estado de São Paulo. (...). Uma das dificuldades que encontrei nesse modelo de ensaio virtual é o não acompanhamento da progressão dos coristas, pois não é possível manter o microfone de todo mundo ligado ao mesmo tempo, porque a velocidade que a internet leva para a transmissão do ensaio não é igual para todos, causando o que chamamos de *delay*. Por outro lado, os “kits de ensaio”, que é chamado o material do coro (partituras, áudios guia, tradução das músicas etc.), nunca foram tão úteis como agora; eles estão sempre disponíveis para os coristas de forma facilitada. A resposta a todo esse esforço que um ensaio à distância exige, é um coral sempre envolvido nas atividades propostas e a projetos como corais virtuais. Dificuldades para fazer um ensaio dessa maneira sempre vão surgir, mas quando se vê o resultado, podemos dizer que tudo isso valeu a pena. **Em tempos de distanciamento social, o fato de um coral estar junto mesmo separado é uma prova de que a música quebra muitas barreiras.** (estagiário 1, 2021).

O segundo estagiário também destacou o engajamento social e percebeu a dificuldade em se adaptar aos arranjos originalmente feito para mulheres. E realmente, pelo fato de o grupo ter poucas vozes masculinas, criamos alternativas nos arranjos para que os homens pudessem optar ou pela voz de soprano ou contralto com algumas pequenas variantes.

O estágio na CIA. CORAL MAWACA foi uma oportunidade muito interessante de vivência musical, humana e educacional. As quatro cantoras e coordenadoras formam um grupo muito afetuoso, competente e didático. Nós, estagiários, fomos muito bem recebidos e o clima foi sempre acolhedor e agradável. Como está em constante crescimento de integrantes: as músicas, os naipes, as letras e as pronúncias do repertório são sempre bem trabalhadas. O grupo tem uma energia e uma vivência muito gostosa, são pessoas realmente abertas e democráticas. É **um coro muito bem engajado social e artisticamente** com mais de 40 vozes e um repertório excepcional. Mas claro que tem problemas: eu, como cantor de voz masculina, tive algumas dificuldades por conta de os arranjos serem para vozes femininas, o que é totalmente compreensível porque os arranjos foram criados para as cantoras do M. Só tenho a agradecer pela oportunidade de aprendizado e rica vivência artística, humana e educacional com pessoas maravilhosas, repertório incrível, é visível o amor e o carinho com quem fazem essa atividade.

O terceiro estagiário comentou sobre a organização do material e destacou os aquecimentos vocais e corporais e o envolvimento criado pelas coordenadoras.



Realizei estágio com a Cia. Coral Mawaca por dois meses e fiquei muito surpreso com o alto nível de produtividade que um grupo coral pode atingir realizando encontros unicamente virtuais. Esse mérito é quase todo do profissionalismo das quatro coordenadoras que conduzem os encontros com muita maestria, sempre com aquecimentos corporais e vocais, que desde o princípio dos encontros, nos leva a esquecer por algum momento toda vida lá de fora e nos prende a atenção aquele universo das canções que serão praticadas no dia. Fora isso, existe toda a organização do material disponível virtualmente através do *padlet* que faz com que todos possam ter acesso a todo o repertório e os diversos vocalizes praticados nos encontros. Para mim foi uma verdadeira aula e **grande incentivo para encarar esse modelo difícil** a meu ver que é realizar aulas de música de maneira virtual.

Refletindo sobre esses depoimentos, entendo que, sob uma perspectiva antropológica, é importante pensar como as ações musicais envolvem diferentes aspectos dentro de um contexto complexo. Segundo o etnomusicólogo inglês John Blacking, “o fazer musical é uma espécie de ação social com importantes consequências para outros tipos de ações sociais. Música é não apenas reflexiva; ela é também generativa tanto como sistema cultural quanto como capacidade humana” (BLACKING, 1995, p. 223)

O que se pode concluir é que:

- Houve estranhamento das pessoas ao modo remoto, mas as dificuldades foram superadas pela maioria dos participantes.
- Houve um bom aprendizado das canções, com mais detalhamento do que no presencial, com os áudios de estudo disponibilizados no *padlet* assim como as questões técnico-vocais, corporais e culturais também foram trabalhadas de forma significativa.
- O formato remoto facilitou ao acesso às pessoas que vivem em regiões do Brasil e do exterior e favoreceu o contato com artistas de outros países.
- A substituição das apresentações presenciais pela produção de vídeos gerou entusiasmo, envolveu os integrantes e promoveu a superação das limitações de cada um.
- Foram acessados mundos musicais em um espaço social que valoriza a diversidade cultural.

A experiência mostrou que, em tempos tão obscuros em uma situação de fragilidade sanitária extrema, foi possível criar espaço para um canto compartilhado, coletivo, social, em que afeto e aprendizado se entrelaçam em um processo desafiador, mas extremamente rico. Parafraseando Ailton Krenak é “preciso dançar e cantar para mantermos o céu suspenso” (KRENAK, 2019: 46-7).



## Referências

AMAWOLE. Cia Coral Mawaca (vídeo). Concepção e arranjo: Magda Pucci. Edição e montagem do vídeo: Adriano Carvalho. Edição de Áudio: Dino Barioni. São Paulo: Estúdio Mawaca. Outubro de 2020. Canal YouTube Estúdio Mawaca. 2:52 Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=oF4UGYRHjlg> Acesso em 18/10/2022

ARENITA AZUL. Cia. Coral Mawaca. Arranjo vocal: Magda Pucci Arranjo Instrumental: Carlinhos Antunes. Criação, montagem e edição de vídeo: Matheus Manfredini. São Paulo: Canal YouTube Estúdio Mawaca. 7:01 Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=IROzARWL5X0> Acesso em 18/10/2022

BLACKING, John. The biology of music-making. In: MYERS, Helen (ed.) Ethnomusicology: an introduction. Nova York: Macmillan Press, 1992. p.301-314

CIA CORAL MAWACA. Teaser com depoimentos (versão completa). Coordenação do grupo: Angélica Leutwiller, Magda Pucci, Rita Braga e Zuzu Leiva. São Paulo: Estúdio Mawaca. Produção de vídeo: Nascente Filmes. 3/10/2018. Canal YouTube Mawaca. 7:17 Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=vSzZiFobv8s> Acesso em 18/10/2022

FINNEGAN, Ruth. The hidden musicians: making music in an English town. Cambridge: Cambridge University Press, 1989.

KRENAK, Ailton. Ideias para adiar o fim do mundo. São Paulo: Cia. das Letras, 2019.

MAWACA SITE. Magda Pucci. São Paulo: Ethos Produtora de Arte e Cultura. Disponível em [www.mawaca.com.br](http://www.mawaca.com.br). Acesso em 18/10/2022

PADLET Cia. Coral Mawaca 2020. Magda Pucci e Rita Braga (organizadora de conteúdos). Padlet. Disponível em <https://pt-br.padlet.com/magda38/9xkkc07hmn92vf9e> Acesso em 18/10/2022

PADLET Cia. Coral Mawaca 2021. Magda Pucci e Rita Braga organizadora de conteúdos). Disponível em <https://pt-br.padlet.com/magda38/b7pcr3x120nvzr9h> Acesso em 18/10/2022

PADLET Cia. Coral Mawaca 2022. Magda Pucci e Rita Braga (organizadora de conteúdos). Disponível em <https://pt-br.padlet.com/magda20/pzf23c4njdz7179q> Acesso em 18/10/2022

SONS E NOMES DOS POVOS INDÍGENAS. Cia. Coral Mawaca. Concepção, montagem e edição de áudio: Magda Pucci: Criação, montagem e edição de vídeo: Vânia Saunitti e Adriano Porto (Semente Cristal). São Paulo: Estúdio Mawaca. Dezembro de 2020. Canal YouTube Estúdio Mawaca. 8:52 Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=5Z-DKOsv9eA> Acesso em 18/10/2022